



## **QUANDO CAMINHOS SE CRUZAM: HISTÓRIAS E MOVÊNCIAS NAS TRILHAS LEFREIRE NAS E SUAS CONEXÕES COM OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS)**

Hélio Júnior Rocha de Lima<sup>81</sup>  
Isabel Cristina Gondim Rocha<sup>82</sup>  
Marília Carla da Costa Menezes<sup>83</sup>

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo principal propor uma travessia pela memória viva de Paulo Freire no município de Angicos, no interior do Rio Grande do Norte, ao mesmo tempo em que estabelece conexões com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Cidade potiguar que se tornou marco da educação popular brasileira. A partir de uma experiência situada, vivida por estudantes do Mestrado em Educação e do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, campus central da cidade de Mossoró, que visitou a localidade. Buscamos assim, revelar as marcas deixadas por Freire, não apenas nas pedras das ruas ou nas paredes das escolas, mas nos corpos, gestos e falas do povo de Angicos. Narrativa, história e teoria se entrelaçam na tentativa de compreender como a pedagogia freireana permanece atual e atuante, reverberando na cultura local e nos modos de resistência. Com base em uma abordagem qualitativa e de cunho fenomenológico, recorre-se ao método da investigação por meio da perspectiva dos sujeitos envolvidos e da escrita literária como instrumentos de reflexão e afeto. Este trabalho reafirma a educação como prática de liberdade através de Freire (2011) e destaca a importância de revisitarmos os lugares onde a pedagogia do oprimido floresceu para que

---

81 Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutor em Estudos da Linguagem – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. [heliojunior@uern.br](mailto:heliojunior@uern.br)

82 Mestranda em Educação pelo programa de Pós Graduação em Educação-POSEDUC/ UERN. Graduada em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. [isabel20241000043@alu.uern.br](mailto:isabel20241000043@alu.uern.br)

83 Mestranda em Educação pelo programa de Pós Graduação em Educação-POSEDUC/ UERN. Graduada em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. [marilia2023100718@alu.uern.br](mailto:marilia2023100718@alu.uern.br)

possamos, com ela, seguir caminhando, segundo Evaristo (2005), Kilomba (2019).

**Palavras-chave:** LEFREIRE; educação popular; círculo de cultura; Angicos; vivências compartilhadas.

### **WHEN PATHS CROSS EACH OTHER: STORIES AND MOVEMENTS ON LEFREIREAN TRAILS AND THEIR CONNECTION TO THE SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOALS (SDGs)**

#### **ABSTRACT**

This article aims to propose a journey through the living memory of Paulo Freire in the municipality of Angicos, located in the countryside of Rio Grande do Norte, Brazil, while establishing connections with the Sustainable Development Goals (SDGs). Angicos is a Potiguar city that has become a landmark in Brazilian popular education. The study is based on a situated experience lived by students from the Master's Program in Education and the Pedagogy course at the State University of Rio Grande do Norte (UERN), central campus in Mossoró, who visited the community. The purpose is to reveal the traces left by Freire – not only in the stones of the streets or on school walls, but in the bodies, gestures, and voices of the people of Angicos. Narrative, history, and theory intertwine in an attempt to understand how Freirean pedagogy remains current and active, echoing through local culture and modes of resistance. Based on a qualitative and phenomenological approach, this study employs the research method through the lens of the subjects involved and literary writing as tools for reflection and affect. This work reaffirms education as a practice of freedom through Freire (2011) and highlights the importance of revisiting the places where the pedagogy of the oppressed once flourished, so that we may continue walking with it, in the words of Evaristo (2005) and Kilomba (2019).

**Keywords:** LEFREIRE; popular education; culture circle; Angicos; shared experiences.

#### **1 ONDE COMEÇA O CAMINHO: A PALAVRA QUE ANUNCIA A TRAVESSIA**

Formar-se é atravessar caminhos, é mover-se em direção ao outro e com o outro. O Grupo LEFREIRE - Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular, configura-se como um coletivo em travessia, no qual trilhas são abertas por passos singulares que se encontram e se entrelaçam.

O LEFREIRE é um Projeto de Extensão da Faculdade de Educação da

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), Campus Central. O grupo é composto por docentes da Universidade, graduandos e pós-graduandos da Instituição e extenso a ela, membros da comunidade, ex-alunos, professores da rede básica de ensino, entre outros. Foi instituído em 2009 por um grupo de professores que buscavam aprofundar os estudos em Paulo Freire. Ao longo dos anos, o LEFREIRE vem edificando a relação entre ensino, pesquisa e extensão através de seus estudos e ações junto à comunidade interna e externa.

A pedagogia freireana propõe uma educação que parte da realidade concreta dos sujeitos, sendo profundamente comprometida com a transformação social. Mais do que uma metodologia, trata-se de um modo de conceber o mundo e a educação a partir do diálogo, da escuta sensível e da problematização da realidade.

Nesse sentido, essa abordagem está em consonância com diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o ODS 4, que visa assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Além disso, sua ênfase na transformação social e no empoderamento dos sujeitos dialoga com o ODS 10: Redução das Desigualdades, o ODS 5: Igualdade de Gênero e o ODS 16: Promoção de Sociedades Pacíficas e Inclusivas, entre outros, contribuindo para a construção de um mundo mais justo, democrático e sustentável.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a trajetória formativa do LEFREIRE a partir das metáforas de trilha, movência e entrelaçamento de histórias, bem como seus entrecruzamentos com os ODS. Para isso, usaremos como ponto de partida uma ação do grupo que ocorreu na cidade de Angicos, no dia 19 de outubro de 2024. Ancorado nos fundamentos da pedagogia freireana, o estudo aponta para uma concepção de formação em que a escuta, o diálogo e a experiência são elementos estruturantes, resgatando a centralidade dos encontros como espaços de construção compartilhada de saberes e de subjetividades.

Desembarcamos no município de Angicos, situado no Rio Grande do Norte, numa manhã seca de céu aberto, como quem busca algo que nunca se perdeu no tempo, mas que de alguma forma sempre resistiu e lhe pertenceu. Viemos não como turistas, muito menos como pesquisadoras procurando meros dados estatísticos, mas como aprendizes, que sabem que o ato de conhecer é um caminhar com os pés no chão e os olhos atentos ao que está por trás do que é visto e dito.

A cidade, pequena em território e com um clima bem quente, nos parecia gigante em história. “Aqui Paulo Freire alfabetizou em 40 horas”, disseram-nos logo na primeira conversa com servidores da Universidade Federal do Semiárido – Polo Angicos. Aquelas palavras, mais do que um dado histórico,

soava como uma porta que se abria para um outro tempo, onde paramos para escutar memórias que insistem em não ser esquecidas ou apagadas.

Nos propomos dessa forma, a tentar narrar encontros, caminhos e escuta da história com a experiência da visita, a teoria que mostra a importância científica e o afeto de quem sente orgulho dos frutos que foram gerados. Buscamos tecer uma análise dialógica com a pedagogia freiriana a partir dos traços históricos deixados pelo educador no município, tendo como base teórica Freire (2011) e Brandão (2007); no que concerne a presença de Paulo Freire não apenas nas pinturas de muros em paredes de escolas ou nos letreiros das placas que o homenageiam, mas também, nos modos de agir do povo angicano, nos basearemos em Bogdan (1994); e acerca das memórias e narrativas, mostrando que a crença na palavra pode transformar realidades, trataremos os escritos de Evaristo (2005), Kilomba (2019) e Hooks (2017).

O presente artigo está dividido em quatro capítulos. No primeiro, dedicado a introdução, abordaremos a problemática de nosso objeto, objetivos e delimitação da temática. No segundo, apresentaremos o contexto histórico, atuando nas dimensões teóricas da educação dialógica. No terceiro capítulo, abordaremos a trajetória metodológica e no capítulo quatro, apresentaremos os resultados e as discussões da pesquisa.

Nesse processo, as trilhas Lefreireanas, como âmbito de ação política, de histórias coletivas, de gestos que apontam para uma transformação silenciosa, nos orientam para uma travessia que relaciona memória e imaginação, pesquisa e vivências, tentando sempre aprender com uma escuta ativa que traz Paulo Freire em seus métodos de aprendizagem.

## **2 CAMINHOS QUE SE ENTRELÇAM: DIMENSÕES TEÓRICAS DA EDUCAÇÃO DIALÓGICA**

A travessia pela educação, sob a luz dos ensinamentos de Paulo Freire (2005), é mais do que um percurso acadêmico, é um ato de amor, resistência e transformação. Nas trilhas freireanas, os caminhos não são traçados de forma linear, mas se desenham a partir de encontros, afetos, escutas e práticas que revelam o potencial emancipador da educação. Quando caminhos se cruzam, há troca, há diálogo e há movimento. E é nesse espaço-tempo de encontros que histórias se constroem e movências se instauram.

A metáfora da trilha aqui utilizada convoca à ideia de caminho não pronto, de um percurso que se revela no fazer. Diferente de um trajeto fixo ou prescrito, as trilhas Lefreireanas são feitas pelos passos de quem caminha, passos hesitantes, potentes e intermitentes. É nesse sentido que Paulo Freire nos inspira ao dizer: “É caminhando que se faz o caminho. E é refletindo sobre a prática que se aprende a caminhar melhor” (Freire, 2011, p. 47).

Diante disso, estaríamos, então, a discutir a ideia de que o conhecimento e a formação do sujeito se constroem no movimento, na ação, e sobretudo, na reflexão crítica sobre essa ação? Longe de uma visão tecnicista ou bancária da educação, Freire concebe o ato de ensinar e aprender como um processo dinâmico, dialógico e inacabado.

Ao afirmar que “é caminhando que se faz o caminho”, Freire rompe com a noção de um caminho previamente traçado, de um saber pronto e absoluto. Em vez disso, propõe que o saber se constrói na travessia, nas escolhas feitas, nos encontros vividos e nos conflitos enfrentados. A pedagogia freireana, nesse sentido, valoriza o processo em detrimento do produto final. Cada passo dado no percurso educativo é também um ato de criação, de invenção de sentidos, de ressignificação da própria existência.

Contudo, Freire não se detém apenas no ato de caminhar, ele chama atenção para a importância de refletir sobre o caminho percorrido. Apontando para a centralidade da reflexão crítica, ou seja, da práxis freireana. A prática, para ser educativa, precisa ser pensada, analisada, reelaborada. Essa reflexão não é apenas técnica ou instrumental, mas ética e política, ao passo que ela questiona a quem serve o que se ensina? Com que intencionalidade se ensina? E quais sujeitos se formam nesse processo?

Assim, aprender a caminhar melhor não é alcançar uma perfeição, mas assumir-se como sujeito em constante formação. É, como diz Freire (2005), “reconhecer-se inacabado”, e, justamente por isso, estar sempre em busca, em diálogo, em movimento. Pois, é no diálogo com os outros e com a realidade que o caminho vai sendo (re)traçado, sempre em direção a um “inédito viável”, um futuro possível, mas ainda por construir. E é nesse horizonte de esperança e compromisso ético que se inscreve a pedagogia freireana, tão viva e necessária nos dias de hoje.

A pedagogia freireana não se limita a técnicas de ensino, ela é, sobretudo, uma prática ética e política. Freire (2011) nos convida a entender a educação como um processo dialógico, em que educador e educando se encontram como sujeitos do conhecimento, compartilhando experiências, dúvidas e sonhos. Cada trajetória pessoal que se inscreve nessa trilha carrega consigo marcas de lutas, descobertas e reconexões com a própria identidade.

No LEFREIRE, os encontros não são eventos isolados, mas pontos de continuidade e (re)encantamento. A cada encontro novas trilhas são abertas a partir dos temas, das urgências do presente e das histórias que os participantes trazem em suas falas e silêncios.

As trilhas Lefreireanas são, portanto, espaços de transição e travessia. Caminhos marcados por histórias que se entrelaçam: histórias de grupos que se reinventam, de comunidades que se fortalecem, de homens e mulheres que se descobrem protagonistas. A movência, nesse contexto, é mais do que

deslocamento físico, é o movimento interno que provoca a reflexão crítica e a ação transformadora. É o estar-em-processo, o inacabamento freireano em ato. O grupo se constitui no movimento: mudanças de espaço, de foco, de composição, de práticas. Não há fixidez, há fluxo.

Essa movência permite que o LEFREIRE se renove constantemente, que esteja sensível aos contextos históricos, às emergências sociais e às transformações dos sujeitos que o compõem. Cada novo integrante traz consigo experiências que reverberam no grupo, reorganizando afetos e saberes.

Visitar e conhecer de perto a história com a Educação Libertadora de Angicos é trazer à tona Paulo Freire e seu pensamento de caminhar por um território onde a educação é prática de liberdade. Seu método de alfabetização, em 1963, uma de suas expressões mais emblemáticas e marcantes, tem como base a ideia de que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediados pelo mundo”. (Freire, 2005, p. 78)

Essa concepção de educação dialógica e transformadora dialoga diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), particularmente o ODS 4, que busca “assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (ONU, 2015).

A proposta freireana rompe com modelos bancários e coloniais de ensino, colocando o sujeito como protagonista do seu processo formativo, o que se alinha também ao ODS 10, que trata da redução das desigualdades, ao considerar e valorizar os saberes populares e a diversidade cultural.

Além disso, ao reconhecer que a educação não pode estar apartada das lutas sociais e das estruturas de poder, a pedagogia de Freire contribui para a promoção de sociedades mais justas, pacíficas e inclusivas, conforme propõe o ODS 16. Como afirma a própria Agenda 2030, “não haverá desenvolvimento sustentável sem paz e não haverá paz sem desenvolvimento sustentável” (ONU, 2015), e é precisamente nesse ponto que a educação libertadora se mostra essencialmente como prática que emancipa, politiza e humaniza.

A metodologia freireana nasce, desse modo, de uma relação de encontros, do diálogo, da escuta e da problematização da realidade. Seu modo de enxergar a educação popular parte do princípio de que o saber não é restrito às instituições, mas pode ser construído nos sujeitos históricos, especialmente nos oprimidos. Como aponta Hooks (2017), nos alertando que ensinar é um ato profundamente político e afetivo.

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças. (Hooks, 2017, p.174)

A autora nos ajuda a compreender que essa pedagogia nasce do chão, das dores e dos saberes de povos historicamente oprimidos. É nesse viés que a experiência de Angicos vai além de uma mera alfabetização e se transforma em símbolo de resistência: o povo aprendeu a ler o mundo e, assim, a lutar pelo direito de contar sua própria história.

A escrita como ato político, nos remete ao pensamento freiriano de que a alfabetização deveria ser um processo de escuta do sujeito e de valorização de suas vivências. A narrativa de Conceição Evaristo, conhecida como *escrevivência*, revela uma íntima relação com os fundamentos da pedagogia de Paulo Freire, ao construir histórias a partir das marcas deixadas pela experiência do corpo, da ancestralidade e da memória.

E o que seria escrever nesse mundo? O que escrever, como escrever, para que e para quem escrever? *Escrevivência*, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. *Escrevivência* não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (Evaristo, 2005, p. 64)

Conceição Evaristo reafirma o caráter político e cultural que possui a linguagem, correlacionando o princípio freireano de que a educação é um ato de libertação. A pedagogia de Freire no município de Angicos, ao conseguir alfabetizar mais de trezentos trabalhadores em apenas quarenta horas, foi mais do que uma proposta educacional, foi um exercício de cidadania humanizada e de escuta da palavra do outro como saber inerente. Nessa perspectiva, tanto Freire quanto Evaristo compreendem a linguagem, seja pela escrita literária ou pela educação popular, como instrumento de construção da identidade, da consciência crítica e da transformação social.

### 3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS EM MOVIMENTO: A PESQUISA COMO ENCONTRO E ESCUTA

Este estudo inscreve-se no campo da pesquisa qualitativa, o que para com ênfase nos fundamentos da pedagogia freireana, que compreende a educação como um ato político, ético e estético, realizado em comunhão com os sujeitos e suas histórias. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa é uma abordagem investigativa que busca compreender o mundo a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, valorizando o contexto em que os fenômenos ocorrem e priorizando a profundidade das interpretações sobre os dados.

A opção metodológica parte da concepção de que o conhecimento não se dá de forma neutra e dissociada da realidade, mas se constrói no encontro, na escuta e na partilha de experiências.

Assim, a construção deste artigo se apoia na ideia de que “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (Freire, 2011, p. 38). Trata-se, portanto, de uma pesquisa que valoriza o caminhar com, e não apenas o olhar sobre. É nesse movimento de aproximação entre sujeitos, territórios e memórias que se delineiam os sentidos da investigação.

A metodologia adotada compreende a experiência do grupo LEFREIRE como eixo central do estudo, a partir de vivências realizadas na cidade de Angicos (RN), lugar simbólico da pedagogia freireana, onde foi implementado o célebre projeto de alfabetização das “40 horas”. A produção de dados ocorreu por meio da escuta sensível, dos relatos de memórias, das rodas de conversa e do registro de narrativas que emergiram no percurso da viagem, com ênfase no diálogo com Dona Maria Gildenora Costa de Araújo, ex-aluna de Paulo Freire no referido projeto. Nesse sentido, o presente artigo assume também o caráter de escrita em movimento, marcada pela escuta ativa e pela horizontalidade nas relações de saber.

A inspiração freireana se faz presente não apenas no conteúdo, mas na forma da pesquisa: trata-se de um fazer pedagógico e investigativo que rompe com as lógicas hierárquicas de produção de conhecimento, valorizando os saberes populares, a oralidade, a memória e os afetos como fontes legítimas de conhecimento.

Portanto, esta seção metodológica reafirma o compromisso com uma ética da escuta e do diálogo, em que o conhecimento emerge do entrelaçamento de histórias, afetos e territórios, nos quais os caminhos que se cruzam também se narram, se reescrevem e se libertam.

A proposta metodológica deste artigo é compreendida assim, como uma maneira de o pesquisador acompanhar os processos ao invés de representar meramente objetos e situações. Se trata de entrelaçar afetos, conversas e narrativas que iam surgindo durante a caminhada por Angicos, não como estudantes que buscam provas e verdades, mas como quem se permite atravessar as entrelinhas do território.

Cada relato foi organizado a partir de registros de campo, entrevistas informais com servidores e moradores em seus respectivos locais de atuação, observações de museus e documentos e as anotações pessoais de cada pesquisador. Estes recursos promovem um diário de viagem dialógico, em que não se separa o corpo do pensamento, e ainda nos permite unir emoção e rigor científico. A escrita deste, é utilizada como análise epistemológica que proporciona à pesquisa um diálogo com outras formas de produção de



saberes científicos, como a oralidade, a arte cultural e a memória coletiva.

No contexto de uma pesquisa qualitativa, que tem como objetivo compreender as experiências vividas por sujeitos em seus próprios contextos, a abordagem de Kilomba fornecem conceitos teóricos e metodológicos para uma análise situada, crítica e comprometida com a transformação social. Como afirma a autora, “não é possível falar de conhecimento sem falar de poder” (Kilomba, 2019, p. 23). Tal afirmação desafia a neutralidade epistemológica que historicamente se fez presente nas práticas pedagógicas e de pesquisa acadêmica, convocando o pesquisador a reconhecer seu lugar de enunciação e a escutar com atenção e credibilidade os saberes que emergem das margens.

Desse modo, a metodologia adotada está centrada na função político-social do pesquisador, como um sujeito atuante que se coloca em trânsito nos mais diversos lugares, vozes e tempos para a compreensão e construção do saber científico.

#### **4 TRILHAS LEFREIRIANAS: CAMINHOS QUE SE FAZEM AO CAMINHAR**

As histórias que atravessam o LEFREIRE não são apenas memórias individuais, mas narrativas que se entrelaçam e se reconfiguram no coletivo. A escuta torna-se prática pedagógica e política. O ato de narrar, e de ser escutado é também ato de resistência. Para Freire (2005) “contar a própria história é um modo de afirmar-se como sujeito de saberes, de lutas e de desejos” (Freire, 2005, p. 36).

Ao compartilhar vivências, dores e sonhos, os membros do grupo constroem uma memória coletiva que não se fixa, mas que se reinscreve a cada encontro. Essa tessitura de vozes e trajetórias é o que sustenta a formação como um processo mais do que um produto.

No LEFREIRE, cada encontro é oportunidade de reexistência. São espaços em que o cotidiano se torna objeto de reflexão, no qual se dá a leitura crítica do mundo. O grupo se movimenta por temas geradores, por desejos comuns e pelas urgências do tempo.

A prática formativa ali vivida não se encerra em teorias, mas se prolonga em ações, afetos e intervenções nos territórios em que os participantes atuam. O encontro, nesse sentido, é também ensaio de mundo, espaço-tempo de criação e de compromisso ético.

E é nessa itinerância que o grupo se deslocou para a cidade de Angicos a procura de encurtar distâncias e compartilhar vivências e histórias que pronunciadas no coletivo buscam caminhos possíveis de ressignificar o contexto vivido, compartilhando trajetórias que se querem mudança e libertação de situações limitantes da condição humana.

Já em Angicos, o grupo Lefreire teve a oportunidade de escutar e

dialogar com a senhora Dona Maria Gildenora Costa de Araújo, que foi aluna de Paulo Freire, no projeto 40 horas em Angicos, desenvolvida no início dos anos de 1960. Em diálogo com o grupo, ela relembrou que na época tinha 18 anos e foi alfabetizada por intermédio daquela experiência de educação popular.

Ela relembrou como aquela experiência mudou a vida de muitas pessoas que assim como ela, passaram a não só ler as palavras, mas ler o mundo, o que nas palavras dela: “Paulo Freire nos tirou da escuridão, por que a pessoa que não sabe ler, vive no escuro.”

Ao ser questionada sobre as dinâmicas dos círculos, ela falou que tinham vários círculos espalhados pela cidade, geralmente nas casas de moradores da localidade e que lá eles trabalhavam a partir de palavras que faziam parte da realidade das pessoas da comunidade.

Já quando perguntamos se ela ainda tinha o material utilizado na experiência, ela falou que não, que ela tinha enterrado no quintal da casa que ela morava na época por medo das represálias militar que passou a ocorrer pouco tempo depois da realização da experiência de alfabetização. Com isso, lançando luz sobre a dimensão política da experiência freireana, que ousou alfabetizar com consciência. O que como bem lembra Brandão (1985), educar para libertar foi, e continua sendo, uma atitude perigosa em contextos de autoritarismo.

Esse gesto de ocultar o material, contudo, não apagou a memória da experiência. Ela permanece viva no testemunho de dona Gildenora e nos rastros que resistem no território e nas pessoas. E é exatamente essa memória viva que o grupo LEFREIRE foi reencontrar: uma memória que não se restringe ao passado, mas que se projeta como possibilidade pedagógica para o presente e o futuro.

A educação, nesse sentido, deve ser repensada a partir das narrativas e vivências que foram sistematicamente excluídas dos currículos e das metodologias dominantes. Como Kilomba explicita em sua obra *Memórias da Plantação* (2019), “a marginalização da voz negra é uma marginalização do conhecimento” (Kilomba, 2019, p. 36). Ao assumir a pesquisa qualitativa, as ideias do LEFREIRE atuam como um caminho para acessar essas memórias e significados, abrindo espaço para uma pedagogia que valoriza a escuta, a experiência e a subjetividade como fontes legítimas de produção de saber.

Angicos nos pareceu carregar uma espécie de legado freireano: o de ensinar por meio do diálogo, do exemplo, da partilha, do pé no chão. A pedagogia do oprimido, aqui, não se resume ao conceito de livro famoso do educador, mas um modo de viver. Talvez por isso a cidade, mesmo pequena, tenha sido escolhida por Paulo Freire: porque nela havia o essencial, pessoas que acreditavam no outro

Figura 1 - Encontro em Angicos



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Ao buscar encurtar distâncias e compartilhar vivências, o grupo possivelmente realiza aquilo que Carlos Rodrigues Brandão (1985) chama de educação do encontro, uma pedagogia feita no “corpo a corpo” com a vida real, que nasce da convivência e da troca de saberes entre sujeitos concretos. Para Brandão, educar-se é também tornar-se humano com os outros, e é neste gesto coletivo que as histórias individuais ganham densidade social e potência transformadora.

A escuta atenta da fala de dona Maria Gildenora Costa de Araújo, ex-aluna de Paulo Freire no emblemático projeto das 40 horas de Angicos, configura-se como um desses encontros que transbordam a história

oficial. Sua memória é carregada de sentido, pois reativa uma experiência que, embora marcada pelo tempo e pela repressão, permanece viva na subjetividade de quem a viveu.

Ao dizer que “Paulo Freire nos tirou da escuridão”, dona Gildenora dá corpo à concepção freireana de alfabetização como ato de libertação, para qual o analfabeto não é um ser vazio a ser enchido, mas um ser histórico que pode se apropriar da palavra para nomear o mundo (Freire, 2005).

Ler o mundo, antes de ler a palavra, é um dos pilares da proposta de Freire, pois a educação, para ele, não é um ato de domesticação, mas um ato político de conscientização. A rememoração dos círculos de cultura, espalhados pelas casas da comunidade, evidencia a intencionalidade pedagógica de criar espaços horizontais de diálogo, nos quais os conteúdos emergem da própria realidade dos participantes. Como sublinha Brandão (2007), o círculo de cultura é um lugar onde se aprende a ver o mundo com outros olhos, sem hierarquia de saberes, sem donos da verdade. Indicando, com isso, a horizontalidade como base ética e epistemológica do processo educativo.

Nesse espaço, o mundo não é apresentado como algo pronto e acabado, mas como realidade em constante construção, passível de ser lida, interpretada e transformada. Os participantes aprendem a ver o mundo com outros olhos, porque são provocados a problematizar aquilo que antes parecia natural, a nomear as opressões e a reconhecer-se como sujeitos históricos capazes de intervir em sua realidade.

A escolha das palavras geradoras, retiradas do universo simbólico da comunidade, também reforça essa concepção. Pois Freire (2011) defende que a palavra não é apenas um som ou uma grafia, mas um ato de criação e recriação do mundo. É nesse contexto que a alfabetização deixa de ser um fim em si mesma e se torna um meio para a leitura crítica da realidade.

Além disso, para Freire (2011), o diálogo é a base do círculo de cultura. Nesse processo, o saber acadêmico não se sobrepõe ao saber popular, mas se entrelaça com ele, num gesto de profunda valorização das experiências de vida das pessoas.

O círculo de cultura, portanto, é também um espaço de humanização, pois reconhece que ensinar e aprender são dimensões do mesmo ato, e que todos: educadores e educandos estão em permanente processo de formação. É neste ambiente, livre de imposições, que emergem a criticidade, a criatividade e o engajamento dos sujeitos com o mundo.

As histórias brotavam do chão seco e das paredes rebocadas e pintadas: homens e mulheres que, por meio das 40 horas de alfabetização, descobriram não só as letras, mas o poder da palavra enquanto objeto de transformação. “Meu avô não só aprendeu a ler o nome dele e da gente, mas aprendeu a se enxergar como gente”, contou a neta de seu João, ex-aluno da

experiência freireana. Aquilo nos tocou e emocionou. Mais que uma frase, era um manifesto de liberdade e esperança.

No pequeno museu local, vimos fotos em preto e branco que mostravam jovens atentos, cadernos improvisados e olhares curiosos. Mas foi no percurso da cidade, entre frutas, casas e causos, que encontramos a memória de Paulo Freire ainda presente. Não na forma de uma celebridade nacional, mas como prática cotidiana: na solidariedade entre os feirantes, na paciência dos mais velhos com os mais novos, na capacidade de escuta dos que já pouco ouvem.

Diante disso, ao revisitar Angicos, o grupo fortaleceu a concepção que é na escuta do outro, no caminhar conjunto e na reflexão crítica sobre a prática que a educação se torna instrumento de transformação social.

## **5 ENCERRAMENTOS QUE SÃO COMEÇOS: REFLEXÕES À LUZ DA PALAVRA PRONUNCIADA**

As trilhas Lefreireanas são feitas de passos que não andam sós. A movência do grupo, longe de fragmentar, entrelaça: histórias, experiências, saberes e afetos. A formação vivida no LEFREIRE se configura como travessia plural, em que o saber não se transmite, mas se constrói no encontro com o outro.

Reafirmar a potência dos encontros, das histórias e das movências é também afirmar a atualidade e a urgência da pedagogia freireana como horizonte formativo e político. Em tempos de individualismos e silenciamentos, escutar e contar histórias coletivamente é um gesto profundamente transformador.

Ao dialogarmos com os pressupostos de uma educação libertadora, baseada nas teorias de Paulo Freire, compreendemos que o autor defendia uma educação que não transforma o mundo, mas que muda as pessoas para estas transformarem o mundo. Grada Kilomba amplia essa teoria ao evidenciar que, para transformar pessoas, é necessário primeiro descolonizar o conhecimento que lhes é oferecido durante a história. Nesse processo, a visita nos possibilitou enxergar esses conceitos como um instrumento ético e político, capaz de desestabilizar verdades tidas como absolutas e criar novos sentidos para a prática pedagógica.

Dessa maneira, o pensamento de autoras como Grada Kilomba não apenas denuncia a estrutura colonial e racista que sustenta o sistema educacional, mas também oferece caminhos para reconstruí-los a partir de uma escuta crítica e afetiva.

A proposta do LEFREIRE, ao se colocar como parceiro dessas metodologias ativas e participantes, contribui para uma educação verdadeiramente libertadora, onde o saber não seja imposto, mas partilhado,

construído coletivamente e orientado por princípios de justiça e equidade.

Este artigo tentou entrelaçar, por meio de palavras e vivências, uma narrativa que liga passado e presente, história e memória, Angicos e o mundo. O legado de Paulo Freire não se reduz à alfabetização em 40 horas, mas se estende como uma filosofia de vida, prática pedagógica política e poética do cotidiano.

Refletir sobre uma educação libertadora à luz do pensamento de Paulo Freire, em diálogo com Grada Kilomba e outras pensadoras negras, nos conduz a reconhecer que os processos formativos não podem estar separados das estruturas históricas de poder que moldam quem ensina, quem aprende e, sobretudo, quem pode falar e ser ouvido. A escolha de uma pesquisa qualitativa, aliada ao projeto apresentado pelo LEFREIRE, nesse contexto, se revela não apenas como escolha metodológica, mas como um compromisso político com a escuta das vozes silenciadas e com a valorização de saberes oriundos das margens.

Ao caminhar pelas trilhas freireanas de Angicos, percebemos que a educação popular continua viva não apenas nos livros, mas, sobretudo, nas pessoas que encontramos e escutamos. Dona Maria, os feirantes, os professores da Ufersa, todos eles, à sua maneira, são pedagogos do oprimido da atualidade.

Revisitar Angicos é, portanto, um gesto de esperança que reacende em nossas pesquisas. Em tempos de objetividade e desvalorização do pensamento crítico, lembrar Freire e sua obra é afirmar que a educação continua sendo um ato de amor, coragem e rebeldia.

Nesse sentido, tal perspectiva dialoga diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, em especial com o ODS 4, que busca garantir educação de qualidade, equitativa e inclusiva; o ODS 5, voltado à igualdade de gênero; o ODS 10, que visa a redução das desigualdades; e o ODS 16, que promove sociedades justas, pacíficas e inclusivas. A valorização das vozes historicamente silenciadas, a promoção de uma escuta sensível e o engajamento com práticas educativas transformadoras demonstram como a pedagogia freireana pode contribuir de forma concreta para a construção de um futuro mais justo, democrático e sustentável.

Que mais estudantes e pesquisadores visitem o município de Angicos. Que mais ouvidos estejam abertos a escutarem suas histórias e seus relatos. Que mais corações se deixem tocar por sua marca registrada. E que sigamos, com os ideais de educação que transforma vidas, deixadas por Paulo Freire.

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação:*

*uma introdução à teoria e aos métodos*. Trad. Maria João Ávila de Azevedo; Sara Bahia. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação popular na escola cidadã*. Petrópolis: Vozes, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 61-70.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira e Stephanie Borges. São Paulo: Cobogó, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nova Iorque: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 18 jun. 2025.